

Fetichismo tecnológico e pensamento pós-humanista: Sobre “A colônia penal”, de Franz Kafka

Francisco Rüdiger*

Resumo “Na Colônia penal”, Kafka fornece-nos literariamente uma reflexão profundamente perturbadora sobre as relações entre homem e máquina. Argüimos que, sendo talvez o mais esperançoso do escritor, o texto analisa de forma estética e em estado extremo o fantástico que envolve nossas relações com a técnica maquinística. O registro histórico em que se inscreve o conto é transcendido por uma criação poética que deixa entrever de forma original e pioneira, mas não tecnológica, o que atualmente começa a ser chamado de pensamento pós-humanista.

Palavras-chave Kafka, “Na Colônia penal”, técnica e cultura; tecnologia: crítica.

Technological fetishism and post-humanistic thought: about Kafka’s “Penal Colony”

Abstract Kafka offers us an astonishing reflection about the relationship between man and machine in his short story ‘In the penal colony’. We argue here that, perhaps being the most hopeful text written by the author, this piece analyses in an extreme and original way the fantastical that surrounds us in the midst of the machinistic technological universe. The historical register in which the text inserts itself is transcended by a poetical creation that allows us to see an original and pioneering, but not technical, point of view – what now begins to be called post-humanist thought.

Keywords Kafka, ‘In the penal colony’, technique and culture, technology: criticism.

Introdução

Segundo Günther Anders, Kafka logrou, entre outros feitos, elaborar uma visão totalmente negativa da vida humana num mundo mecanizado. As obras que escreveu seriam vistas bem, se entendidas como parábolas sobre como a nossa vida não deve ser. Por isso, a leitura de seus textos é essencial para estipularmos em nossa mente as condutas que jamais poderiam ser as nossas, se é para fazermos justiça à reivindicação de sermos humanos (ANDERS, 1969, p.106).

* Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, professor da PUC-RS e UFRGS. Contato: Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Rua Ramiro Barcelos, 2705, Campus Saúde, Porto Alegre, Rio Grande do Sul - CEP 90035-007, e-mail frudiger@puers.br

Obviamente passível de reflexão analítica e contestação hermenêutica, se considerarmos o conjunto da obra, a proposição parece bem plausível, mas só até certo ponto, em se tratando de *Na Colônia Penal*. Nesse conto, como em outros textos, não há simbolismo, mas um realismo fantástico que, à primeira vista elementar, desafia nosso entendimento quando observado em detalhes. A sensação de absurdo criada por meios literários, que tanto nos causa espanto durante a leitura, esconde neste caso uma reflexão em ato sobre nossa relação com a máquina em meio à civilização.

Franz Kafka registra claramente neste texto uma consciência ou subjetividade que, embora colada a ela, não é a da representação. O suicídio altruístico por amor à máquina e desforra para com o humano, praticado pelo oficial, é construído de modo a transcender essa categoria. Essa cena seria, noutros termos, expressão de um pensamento que, à luz de nossa tradição, chamaríamos de inumano ou maquinístico.

Como texto, o conto em questão pode ser lido, é claro, das mais diversas maneiras. Do ponto de vista dialético, não se pode ignorar seu conteúdo histórico. Porém, também não se pode reduzi-lo a isto. A leitura tem de prosseguir no plano do conteúdo reflexivo, visando descobrir sua eventual criatividade literária. Kafka criou uma obra literária autônoma, que não se reduz à mediação de seu próprio tempo. Fruto da paixão pela escrita literária e sua revolta iluminadora contra o sistema, ela assim procede criando uma visão original de mundo.

Na Colônia Penal é bom sinal disso, conforme nos dá indício a própria resistência do texto ao seu tratamento em termos de utopia e ideologia. A primeira é insegura, se é que é deixada clara ou está de fato presente no texto. A segunda é prevenida pelo caráter hiperbólico do enredo, embora não lhe escape. De fato, o relato é ao mesmo tempo expressão de seu tempo e reflexão literária sobre a condição do humano. Os sinais de um novo tempo que o texto anuncia não são puros e simples sinais para termos muita esperança, após a leitura.

Quanto ao primeiro ponto, fica bem claro o registro do texto. O cenário é o da situação colonial na época do imperialismo. O explorador é a consciência civilizadora que a avalia e induz seus sujeitos a pôr termo em seus resquícios de barbarismo. No tocante ao segundo, a mensagem está longe de ser clara, devido ao já mencionado cunho hiperbólico. O enredo lança dúvida sobre a sanidade de nossas relações com a máquina, sobre nossas noções de justiça e sobre as conexões entre barbárie e civilização.

Franz Kafka revela e, ao mesmo tempo, saúda - mas em atitude de suspeita - a ruína de nossa relação perversa com o princípio do maquinismo. O explorador encarna apenas em parte o leitor humanista ocidental, porque não revela o espanto com que por certo aquele é apanhado ao ler o relato do que ele vivenciou e, sobretudo, ao perceber a forma como este, o explorador, o experimenta. A surpresa com o fato de, por exemplo, o suplício ser apresentado como espetáculo disputado, em que “sobretudo as crianças deviam ser levadas em consideração”, existe para o leitor, mas não para o narrador ou as personagens, inclusive o explorador (KAFKA, 1986)¹.

O relaxamento por certo provocado pela informação de que um novo comandante começara a desestimular esse espetáculo, levando ao seu esgotamento estético para a platéia, é mantido em tensão pelo fato disto, o progresso da racionalidade instrumental e do humanitarismo, não liberar toda a gente das seduções da barbárie. O oficial é este homem da elite crioula que se apaixona pela mistura de técnica e barbarismo que representa o castigo maquinizado de uma forma imperativa e sem chance de abdicação.

¹ Doravante, o texto será citado pela página, entre parênteses, no corpo do artigo.

Depois de mostrar ao explorador que ele entendia apaixonadamente do aparelho: “agora ele chegava quase a causar espanto pelo modo como sabia manipulá-lo e pelo modo como ele o obedecia” (p. 71), Kafka cria a figura de um homem fascinado cegamente pela máquina e seu funcionamento, a quem não importa tanto saber sobre quem ela funciona mas, essencialmente, que ela funciona e esse funcionamento se dá perfeitamente. O sistema de punição e os motivos para seu acionamento não lhe interessam, sugerindo-se que tudo o que importa no caso estaria numa espécie de relação erótica entre ele e a máquina.

Friedrich Nietzsche observa que o homem prefere a vontade de nada ao nada de vontade, prefere destruir, se não puder criar algo que lhe dê alguma resposta ou significado existencial. O suicídio ritual cometido pelo oficial tem a ver com esse ressentimento essencial, talvez próprio de nosso tempo. O espanto provocado pela cena se origina de ela empolgar um personagem passional, mas não louco, que se imola com a perda de esperança em poder continuar exercitando sua perversidade especular mediante a tortura sanguinária de seu semelhante.

A perspectiva de supressão final do espetáculo punitivo com que se saciava sua existência foi o que lhe bastou para resolver acabar com ela, e o texto que escolheu para ela lhe imprimir mortalmente no corpo, para ser lido por não se sabe quem, foi: “seja justo/a”. A condenação que o oficial se auto-impõe é, noutros termos, um enigma ou ironia terrível, porque, como reforça a inscrição por ele feita, não se sabe se é expressão de uma consciência arrependida ou uma recriminação anônima e coletiva ao próprio mundo que o criou e que está presente na cena através dos olhos do explorador e da consciência silenciosa de seus leitores.

O relato sugere, de todo modo, que o fetichismo tecnológico subjacente ao rito coletivo da crueldade punitiva e expiatória não é menos frágil do que a frieza racional da consciência humanitária totalmente esclarecida. O suicídio ritual praticado pelo oficial coincide com a destruição do engenho, é sua última execução mas, também, seu desmantelamento. O oficial programa a máquina para assassiná-lo de forma implacável, em vez de o torturar previamente, e com isso o engenho vem abaixo esmigalhado.

Apesar de o bizarro da cena ter sido vivido pelos personagens, não há sinal de que ela tenha lhe deixado marcas. Kafka nos proíbe pensar que as criaturas formadas em volta desse tipo de ritual passarão a ser diferentes. A conduta do explorador se caracteriza pela frieza racional e distanciada, vez por outra matizada por algum capricho ou afecção. A espontaneidade que resta entre os outros perdeu todos os sinais emancipatórios, assumindo feições bizarras, como no caso do suicídio do oficial, ou abertamente regressivas, como no caso dos soldados que povoam a colônia.

O condenado revela uma curiosidade não menos intensa pelo mecanismo livre dele do que quando estava para ser executado. Os carrascos e o condenado formam uma estranha irmandade de miseráveis, criaturas entregues à vida imediata e que, à falta de opção, não têm opção senão a de viver no inferno. O condenado é logo tratado como o que de fato era pelo soldado que o guardava: um colega de profissão, porque antes disso são ambos colegas de infortúnio em meio às terras do Diabo.

O executor e o condenado são representados como solidários na fortuna, alternada, de algozes e vítimas; além disso, porque seus prazeres são os mesmos e não é distinta sua predisposição inocente para se entreter com o mal e o sofrimento impostos ao semelhante.

Diante desse processo [de suicídio do oficial], o condenado esqueceu por completo a ordem do explorador [para se manter longe], as engrenagens literalmente o fascinavam, ele estava sempre querendo agarrar alguma, ao mesmo tempo conclamava o soldado a ajudá-lo, mas retirava a mão com medo (p. 73).

Deleuze & Guattari nos parecem, nesse sentido, corretos, ao afirmarem que:

Kafka não tem admiração alguma por uma simples máquina técnica, porque sabe muito bem que as máquinas técnicas são apenas índices para um agenciamento mais complexo, o qual faz coexistir maquinistas, peças, matérias e pessoas maquinados, carrascos e vítimas, poderosos e impotentes, em um mesmo conjunto coletivo. (DELEUZE e GUATTARI, 1977, p. 85).

Conviria, porém, não se deixar levar por essa leitura totalmente, porque só à força de impor uma filosofia da história sobre a obra é que se pode pensar nessa obra como experimento literário com o desejo; só assim seria possível vê-la como uma máquina desejante literária que, como um vampiro, “suga a história”, para “faze-la dar sons ainda desconhecidos, que pertencem ao futuro próximo – fascismo, estalinismo, americanismo” (DELEUZE e GUATTARI, 1977, p. 62).

O soldado e o condenado correm, é certo, para ajudar o oficial a se oferecer em sacrifício, mas não o explorador, esse permanece impassível. O explorador pertence a outro registro, com certeza a um outro agenciamento, mas que nada tem a ver com o desejo daqueles personagens em “fazer andar algumas dessas engrenagens, de serem eles mesmos uma dessas engrenagens – ou, à falta de coisa melhor, de ser material tratado por essas engrenagens, material que é ainda, a seu modo, uma engrenagem” (p. 83).

Kafka não é, como os autores citados, simples prisioneiro do pensamento tecnológico, mas, sim, seu crítico fascinado, paralisado pela impotência, mas vivo o bastante para expressar sua indignação não apenas sem humanismo saudosista, mas com um estilo revolucionário e altamente criativo do ponto de vista literário. Conforme escreveu Adorno, “em vez da rememoração do humano, nele há a prova exemplar da desumanização” (ADORNO, 1998, p. 251). O campo de forças que constitui o texto não se deixa aplinar de forma rasteira e fácil. O pensamento tecnológico que lhe intervém espontaneamente na cena mais forte do relato é mantido em tensão por um distanciamento crítico que, se não tem muito conteúdo utópico, não sucumbe a um humanismo ideológico.

Por isso, por exemplo, o explorador é retratado como personagem desprovido de todo heroísmo ou de elemento messiânico, assim como de qualquer nobreza de caráter ou ideal transcendente. O personagem visivelmente é menos apaixonado do que o oficial e revela ter menos interesse pelo que ocorre do que o soldado e o condenado. O explorador é portador de uma consciência menos humanitária do que atualizada, menos moral do que racionalizada.

À primeira vista, parece um ser de outro planeta, um observador ocasional que, simplesmente por idiosincrasia, aparentemente pelo fato de se ver envolvido numa tentativa de o oficial fazê-lo influenciar o comandante, se volta contra o sistema de punição. Depois de acompanhar com

consciência desapaixonada, mas atenta às demonstrações a respeito do maquinismo de castigo e execução, o personagem se limita a manifestar sua contrariedade à sua aplicação no corpo de um condenado: “sou contra esse procedimento” (p. 64).

Em Kafka, recorde-se, os personagens não possuem nome, são todos tipos e de nenhum deles se pode afirmar que é heróico. Ninguém se propõe a ser paradigma de identificação para o leitor, apesar de assim sê-lo, em última instância. Quando o explorador resolve partir, não se sabe para onde, tudo o que viu deve ser deixado para trás, parece que deve ser entregue às suas circunstâncias. A consciência humanitária parece carente de verdadeira fé em si mesma e opta pela ameaça contra os miseráveis, em vez do esclarecimento.

O explorador parte daquele mundo com indiferença pela sorte de suas criaturas. “O explorador ergueu do fundo do barco uma pesada amarra, ameaçou com ela [os que queriam lhe acompanhar] e desse modo impediu que eles saltassem para dentro dele”. (p. 78)

Destarte, Kafka nos insinua que a barbárie não tem como ser redimida, precisa ser posta de lado, mas o texto também deixa uma pergunta: isso nos livra dela? Quem sabe? A resposta é algo que foge ao alcance da literatura. O escritor se limita a propor a idéia de que a civilização avança sem força moral e cercada de primitivos, cujo vácuo na consciência é preenchido pela conversa fiada cotidiana e o folclore com que se consegue alguma distração extraordinária.

Como Spengler, mas sem seu fatalismo de cunho étnico, o escritor especula indiretamente neste texto se a técnica não pode vir a ser uma arma na luta da barbárie contra a civilização. *Na colônia penal* é sem dúvida um de seus textos mais utópicos, talvez o único portador de alguma esperança. Quem sabe se possa deixar para trás todo o horror com que os homens se ocupam e que impõem uns aos outros, virar as costas para ele e tentar começar algo melhor do zero de humanidade, como sugere o final do relato.

Porém, Kafka só é tal porque não pode ser apenas isso. Nele, o arcaico não pode ser apenas posto de lado, esperando-se que não volte a nos incomodar. O texto recorda que não basta intervir com cirurgia, se a doença não é cuidada. Na colônia de miseráveis que o iluminismo desalmado pretende deixar para trás, continua-se a cultivar um folclore, o folclore a respeito da eventual retomada da colônia pelos promotores do teatro da crueldade consubstanciado no sistema de execução.

A frieza ou apatia da consciência esclarecida e, ainda mais, a partilha muito radical e virtualmente violenta entre ela e a barbárie sugerem, ambas, que, nesse resto abandonado à própria sorte, entretido superficialmente com um folclore barato, pode se gestar a barbárie tecnológica do futuro, se não o que arruinará nossa civilização.

Na lápide mortuária onde está enterrado o velho comandante pode-se ler: “Existe uma profecia segundo a qual o comandante, depois de determinado número de anos, ressuscitará e chefiará seus adeptos para a reconquista da colônia” (p. 77). A consciência crítica faria bem em levar a sério essa profecia que as criaturas às vezes muito primitivas de nosso tempo não levam, sempre que se tratar de entender a relação entre homem e máquina no plano da vida cotidiana da civilização tecnológica avançada.

Porém não pára por aí o interesse da obra literária em juízo neste artigo, se a considerarmos à luz das relações entre homem e máquina e da marcha de nossa tecnocultura. Em *Finnegan's Wake*, Joyce teria prefigurado literariamente os esquemas subjetivos que caracterizam a cibercultura e sua infra-estrutura informacional (TOFTS, DARREN e MCKEICH, 1998). Kafka oferece-nos em seu conto um relampejo radical do pensamento tecnológico que lhes subjaz. O oficial suicida

não é louco, mas alguém que se tornou estranho a outros e que o autor do relato converte em surpresa bizarra para si e para o leitor, para a consciência ocidental, ao descrever sua auto-imolação maquinística.

Quem desejar entender melhor essa interferência enigmática presente no texto kafkiano pode comparar a cena mencionada com outra formalmente similar, que nos dá *A Montanha Mágica*. Chegada certa altura do romance, Thomas Mann leva os personagens Naphta e Settembrini a resolver suas disputas ideológicas através de um duelo com armas de fogo. Apesar de fanático, o primeiro partilha com o segundo, um moderado, uma concepção humanística de vida que lhes impede de dar o primeiro disparo, sentindo-se em situação de vantagem um em relação ao outro.

Depois de um incitar o outro a iniciar a troca de tiros, a cena se desenrola no sentido que Kafka estrutura a sua. Naphta aponta a arma contra sua cabeça e, com um tiro, estoura os miolos. Momento de estupefação para o leitor e, por certo, criação literária genial de Thomas Mann, o episódio todavia não ultrapassa os marcos do ethos humanista que permeia toda a redação e nos conduz pelas alamedas de *A Montanha Mágica*.

Na colônia penal é fruto de todo um outro processo criador, que não está mais preso a esse registro, o do pensamento humanista. Nesse texto, apresenta-se algo que impulsiona o escritor no sentido da análise do que em nós há de insólito, e de uma forma que contém, mas todavia ultrapassa a simples crítica da civilização. A relação com o mundo mediada por sua obra sofre aí a interferência de um princípio de interpelação que não se cinge ao cunho humanista e que, articulado e mantido em tensão literariamente por ele, é indicadora da presença mais forte de um pensar pós-humano em meio a nossa existência a partir do início do século XX.

Artigo recebido em 14/08/2007 e aceito em 22/02/2007.

Referências

ANDERS, G. *Kafka: pró e contra*. São Paulo: Perspectiva, 1969.

KAFKA, F. *Na colônia penal*. São Paulo: Brasiliense, 1986

DELEUZE, G. & GUATTARI, F. *Kafka*. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

ADORNO, T. *Prismas*. São Paulo: Ática, 1998.

TOFTS, DARREN e McKEICH, M. *Memory trade*. Sidney: Interface, 1998.